

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUÇAL E DO
ESTRANCEIRO

ASSIGNATURA

Moeda forte	PORTUGAL E COLONIAS	Francos de porte	
Anno ou 24 numeros	2\$600	Trimestre ou 6 numeros	\$650
Semestre ou 12 numeros	1\$300	N.º avulso ou pago á entrega	\$120
ESTRANGEIRO UNIÃO GERAL DOS CORREIOS			
Anno ou 24 numeros	3\$600	Semestre ou 12 numeros	1\$500

2.º ANNO—VOLUME II—N.º 41

1 DE SETEMBRO 1879

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO
LISBOA — 43, RUA DO LORETO, 43 — LISBOA

Todos os pedidos de assignaturas deverão vir acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administrador da empresa.

Correspondente d'esta empresa no Rio de Janeiro o sr. Serafim J. Alves.



RUINAS FINGIDAS NO PASSEIO PUBLICO D'EVORA DELINEADO POR JOSÉ CINATTI (Segundo uma photographia)

SUMMARIO

TEXTO. — Chronica occidental, GUILHERME D'AZEVEDO — José Cinatti, J. BATALHA REIS — Africa, de Loanda ao Cassai pelo tenente Otto Schütt, ALBERTO CERVAES — As nossas gravuras — João Pedro Monteiro, ZACARIAS D'AGA — Excerptos — Entrevista dos reis de Portugal e Hespanha em Elvas, BENTO REBELLO — Bibliographia.

GRAVURAS. — Ruínas fingidas no passeio publico d'Evora deliniado por José Cinatti — Um projecto de scena de theatro por José Cinatti — O tenente Otto Schütt ao regressar da sua viagem de Loanda ao Cassai — Lavadeiras no Mondego, quadro de Lupi professor da Academia de Bellas Artes de Lisboa — Mappa das Viagens do tenente Otto Schütt na Africa Austral de 1877 a 1879 — Fonte da Samaritana em Xabregas — Medalha conferida a José Cinatti pela camara municipal d'Evora em 1867 — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Tratando-se d'uma chronica do mez d'agosto, o chronista, para ser racional, deve sentar-se á mesa envolto na mortalha do folhetim e, á maneira do morto de Goya, escrever unicamente esta palavra nos quartos de papel que o editor lhe collocou diante — *Nada!*

E mandal-os depois para a imprensa.

Era entretanto provavel que o leitor levasse a sua benevolencia até ao ponto d'achar resumida de mais a chronica que offerecesse á curiosidade publica unicamente este vocabulo, synthese exacta do movimento Lisbonense n'esta quadra do anno, acusando o chronista de falta de vontade, intimamente convencido de que, quando não ha factos, nada mais possivel do que invental-os.

Seria eternamente mordido pelo remorso, se por ventura os meus concidadãos me podessem com justiça acusar de semelhante fraude! Nunca! Antes o *nilhismo* organizado, como expediente litterario.

Mas, se bem me lembro, a quinzenanão foi de tal modo safara de casos que justifique de todo o ponto os queixumes doloridos sobre a esterilidade d'este campo ingrato que sou obrigado a cultivar duas vezes por mez.

Na politica, por exemplo, tivemos o gravissimo e solemne acto constitucional do poder moderador pôr no meio da rua o corpo legislativo, ordenando aos povos que fallassem outra vez pela boca inspirada da urna.

Este acontecimento não sensibilizou ninguem em consequencia de ser ha muito esperado. O parlamento, coitadinho, soffria ha tempo d'uma tosse que lhe ia abreviando a pouco e pouco a existencia, tendo na ultima sessão legislativa deitado os pulmões pela boca fóra transformados em flores de rhetorica.

Agora, aproximando-se o outomno, quando as campinas vão ser tristes e cheias de folhas amarellecidas, e as folhas das provincias cheias de versos ainda mais amarellos, o sr. ministro do reino chegou a cadeira do enfermo para o pé da janela da secretaria, e o infeliz, com o olhar muribundo submerso no sol poente, entregou a alma aos eleitores, depois de ter confessado que nunca um pensamento mau — nem bom, lhe atravessou um instante pela mente!

Façamos-lhe justiça; foi coisa que elle nunca teve.

E os povos vão abrir o testamento sentimental d'essa Margarida Gauthier segundo a Carta, e tratar de prehencher o logar que ella deixou vago no *boudoir* das leis.

Para sermos constitucionaes e justos, partamos do principio de que o divino Espirito-Santo, sob diversas fórmias mais ou menos pittorescas, os inspirará n'este *mandato* solemne que as leis do reino lhe conferem, e passemos adiante antes que algum candidato nos venha pedir o voto.

— Começa a fallar-se vagamente de theatros. Alguns propoem-se a praticar o arrojo d'*abrir as suas portas ao publico* no principio de setembro, em obediencia a uma velha imagem que

lhes manda considerar que tal entidade existe em Lisboa n'esta quadra do anno.

Emquanto esses se resolvem a tal commetimento, o de D. Maria II na sua qualidade de normal, para ser em tudo modelo, propõe-se a fechar por uma vez, a fim de se emendar do peccado de, nos ultimos tempos, se ter aberto. E' uma acção que ninguem lhe pôde levar a mal. O theatro de D. Maria II, está dentro da sua missão official, proporcionando ao publico a solidão em vez de lhe proporcionar o drama. A arte explorada por conta do estado, ou arrematada pelo thesouro, deve ser uma negação formal, e Thalia tem perfeita razão de requerer ao ministerio do reino quando lhe ficam a dever tres mezes de fogo sagrado, como succede agora com a sr.^a Emilia das Neves.

O que não se admite entretanto, é a contradicção manifesta do estado subsidiar umas causas e outras não. Justiça equal, ou então Gil-Vicente em almoeda. Realmente, possuir um theatro normal com um pedacinho d'estylo grego na frontaria e a mascara da comedia enlaçada na da tragedia no panno do fundo, alem d'outros emblemas mais ou menos significativos, e no fim de contas deixal-o expirar ao abandono, ao canto d'uma praça, como expira um rafeiro inutil, é contradictorio, alem de ser cruel!

Que o governo attenda pois a este ponto, quanto mais não seja utilizando-se convenientemente do edificio. Se não poder servir para representações dramaticas, entregue-se, por exemplo, á Representação nacional, de maneira que, chegado o inverno, o publico se possa divertir em santa paz, com muito mais commodidade do que a que actualmente gosa no theatro de S. Bento. Estabelece-se assim por uma vez, definitivamente, o triumpho da comedia n'um santuario apropriado, e o ministerio do reino vê-se livre dos requerimentos lacrimosos e desganhados das tragicas que lhe pedem o ordenado ou a morte.

— O EUZEBIO MACARIO, *historia natural e social d'uma familia no tempo dos Cabraes*, veio apregoado como um golpe de misericordia na escola realista, havendo corações românticos que passaram a Camillo Castello Branco diploma de Cervantes para o effeito dos golpes Quichotescos que elle houvesse por bem de vibrar em cima dos iconoclastas dos *velhos* deuses de 1830. Ora Camillo Castello Branco é uma natureza impressionavel e apaixonada de mais para usar pacientemente dos processos criticos de que se costumam servir os demolidores. E assim, vemol-o, de quando em quando, no *Euzebio Macario*, apaixonar-se pela nova *maneira* litteraria, identificar-se com ella, assimilal-a nas suas poderosissimas qualidades de estylista e concorrer, sem pensar em tal, levado na corrente impetuosa da sua fantasia arrebatada, para o triumpho ridendo da nova cavallaria litteraria.

O mesmo que aconteceria a Cervantes, se elle não tivesse o cuidado de conservar o Cavalleiro de la Mancha n'aquelle justo meio moral que fica tão distante de Sancho como de Cid.

E' certo que, uma vez por outra, Camillo Castello Branco, *pratica* conscientemente o realismo, *de fito feito e caso mui pensado*, assignalando-se distinctamente as passagens em que é movido por semelhante preocupação. Mas d'ahi a' pouco esquece-se do papel que se propunha representar, e é manifestamente trahido por aquella linguagem viril e solida em que palpitam e vivem todos os elementos que oito seculos de laboração litteraria podem assimilar na palavra d'um povo.

Tem o pittoresco nacional e exclusivo, e não o pittoresco cosmopolita e canalha que se adquire pelo commercio desbragado com tudo quanto o mundo produz de mau e de bom, e que é certamente a primeira phase da evolução em virtude da qual um dia — d'aqui a doze ou quinze seculos — se ha de constituir a linguagem em que hão de ser escriptas todas as portarias e lavrados todos os romances.

Entretanto, como obra de bom *humour* e de

graça, nada mais completo! O *Euzebio Macario* chega a ser uma obra de desespero! Comprehen-de-se perfeitamente como qualquer dos amáveis inimigos de Camillo Castello Branco pode pegar no *Euzebio Macario*, possuido de raiva, lendo, livido de colera, a dedicatória ao sr. Fernandes Costa, e espumante, contorcendo-se em ancias de pecesso, morrer ás gargalhadas sobre odiscursó que Euzebio, Cavalleiro de Christo, pronuncia no jantar dos noivos!

Na arte, por fim de contas, a questão não é tanto de escola como de talento. Ha um ponto culminante em que os artistas poderosos se encontram, havendo por exemplo muito menos differença entre Dumas e Zola, que partem de extremos oppostos, do que entre Chateaubriand e a sr.^a Canuto que pertencem ambos á mesma escola mystica.

Podemos, uma vez por outra, contestar as opiniões criticas de Camillo Castello Branco. Deixar de admirar as suas poderosas faculdades, só é dado fazel-o em duas circumstancias — quando se é teimoso ou quando se é tolo.

— Um ou outro livro haveria ainda para apontar á curiosidade publica se ella n'este momento se não achasse realmente preocupada com os casos das bruxas, eleições, crises ministeriaes, e almas do outro mundo, que n'este momento trazem alvorçada a população de Lisboa. Guardemos isso para outro dia. A chronica, para ser em tudo um quasi nada original, deve fugir quanto puder á acção das leis. . . phisicas e constitucionaes, retrahindo-se com o calor.

GUILHERME D'AZEVEDO.

JOSÉ CINATTI

II

Em 1867 José Cinatti encarregou-se, a pedido da camara d'Evora, de dirigir a construcção d'um jardim publico e os trabalhos de conservação dos monumentos historicos da cidade.

Quem hoje fôr a Evora conhecerá vendo o lindissimo passeio da entrada o talento do artista, mas ao mesmo tempo, fallando com os habitantes, poderá avaliar o notavel caracter do homem: José Cinatti passou rapidamente por Evora, mas todos lá tiveram tempo de profundamente o estimar.

A 19 de dezembro de 1867 a camara municipal enviou-lhe a copia da acta da sua ultima sessão em que se lêem os seguintes periodos:

«Que a camara dê ao illustre artista José Cinatti uma prova bem publica da consideração e estima em que o tem pelos relevantes serviços prestados ao municipio de Evora... tendo-se elle promptificado a vir a esta cidade por muitas vezes com graves prejuizos seus, sem que por isso tenha querido remuneração alguma, nem mesmo o preço das suas viagens.»

«Que se lhe offereça em nome do povo uma medalha de ouro com as armas da camara e a legenda: — AO ARTISTA JOSÉ CINATTI A CIDADE DE EVORA RECONHECIDA, — destinada a perpetuar a memoria de reconhecimento do povo eborense.»

Quatro annos depois ainda na acta da mesma camara se lia o seguinte:

«Voto de louvor ao distincto artista José Cinatti, que com o seu talento e a sua bondade tanto tem feito a bem da cidade d'Evora, no seu embelezamento, na restauração de seus monumentos...»

O seu talento e a sua bondade, eis com effeito os dois traços importantes do notavel caracter de José Cinatti.

A amizade que sempre ligou José Cinatti a Achilles Rambois, assentava tambem, inabalavel, sobre essa dupla base.

III

Não se pôde distinguir bem nas obras dos dois grandes artistas associados o que é d'um e o que é d'outro.



Medalha conferida a José Cinatti pela cmara municipal d'Evora em 1867



Talvez possa dizer-se que Achilles Rambois era principalmente, nas scenas de theatro, o desenhador dos edificios notaveis, dos effeitos de architectura, das sabias construcções d'uma perspectiva tantas vezes difficil e sempre perfeitamente realisada.

Mas José Cinatti era sobre tudo o idealizador da natureza, o paisagista, o creador das grandes florestas, das arvores poderosas, dos horisontes infinitos, dos lagos transparentes, dos mares distanciados e serenos, dos céus extraordinariamente luminosos, cheios de nuvens phantasticas e desmanchadas; era elle o que animava todo a natureza com os tons ardentes d'um colorido vigorosissimo, o que illuminava com a pulverisação do sol tropical as scenas da India ou da Africa, o que accendia nas moitas faiscentes das flores a luz intensa das petalas vermelhas; era elle o que dava a frescura luminosa aos chalets saboyanos ou suissos, na encosta das serras por onde cahiam, rodeadas de abetos pyramidaes e enneoados, as torrentes dos Alpes; e era elle tambem o que evocava as visões phantasticas dos castellos ogivaes perdidos nos arvoredos, e era elle ainda que enchia de encanto mysterioso e terrivel as noites azuladas dos paizes phantasticos onde a mancenilheira, sobre as rochas negras e desoladas, adormece os infelizes!

Fixemos agora n'alguns traços caracteristicos as obras de Rambois e Cinatti:

Quando elles começaram a trabalhar em Lisboa, a scenographia era, em Portugal, uma coisa desconhecida. Foram elles que mostraram primeiro a quantidade de realidade e de idealisação que tem de entrar na creação d'uma scena, para que ella seja uma verdadeira obra de arte.

Não ha uma só pessoa que tenha ido aos theatros de S. Carlos ou de D. Maria, — das tres gerações para que trabalharam os dois artistas italianos, — que não conserve a impressão das maravilhosas scenas que, na sua inteira harmonia com o drama ou com a opera não eram seguramente a parte menos impressiva do todo.

O desenho, as linhas, as proporções, são sempre nas scenas de Rambois e Cinatti matematicamente exactas. Mas sobre isto ha sempre tambem a idealisação do colorido.

Nas modernas escolas franceza e ingleza, o realismo invadiu completamente já o antigo dominio italiano e transformou-lhe a maneira, fazendo d'ella apenas a interprete, quanto fiel possivel, da realidade pittoresca. Mas os scenographos italianos como Rambois e Cinatti serão sempre porventura os mais genuinos representantes da poderosa raça, idealista e luminosa, que tirou da mulher as madonas de Raphael e que fez succeder, ao mysticismo confuso das cathedraes da meia idade, os templos claros, largos e nitidamente definidos da renascença, e do catholicismo moderno.

Assim a idealisação era o primeiro traço caracteristico do talento de José Cinatti. O segundo consistia na necessidade de clareza, de precisão, de correcção luminosa.

O seu espirito não produzia espontaneamente

as symbolisações vagas, mysticas e indeterminadas do gothico. Era sobretudo um cultor da Grecia e um adorador da natureza, querendo os espiritos cheios de logica e os edificios cheios de luz que se reflectisse em linhas sobrias, em ornamentações destacadas, produzindo um claro escuro nitido e simples.

E' esta a qualidade caracteristica que se nota em todos os seus trabalhos de architectura¹.

E é por isso que Cinatti e Rambois não podem ser considerados, nos notaveis desenhos que deixam para o edificio da Casa Pia, e na parte executada que d'elle ainda se conserva de pé, como restauradores do edificio manuelino de Belem. Elles são antes, n'essa obra — em cuja parte antiga já de resto são visiveis as produções de mais d'um espirito — os ultimos continuadores².

Em Cinatti os sonhos vagos das folhagens e laçarias accumuladas da ornamentação da renascença oriental portugueza, mystica e incisa, tinham de desaparecer perante a necessidade de nitidez luminosa do italiano.

Quando encontrou em Evora os restos do chamado templo de Diana, encobertos e deformados por uma construcção relativamente moderna, que as affeioava a palheiro julgo eu, sentiu José Cinatti que, no limpar e purificar essas ruinas, havia para elle a um tempo obra de artista e piedade de filho.

— Fui eu o primeiro a subir ás ameias e a deitar abaixo as pedras novas! Dizia elle muitas vezes com enthusiasmo.

E não descançou na demolição até deixar apenas de pé as admiraveis columnas corynthias do templo, altas e leves pelas linhas de claro escuro das suas canneladuras, elegantes, sob a singella architrave, com os seus capiteis de folhagens, rodeadas de luz, precisas, perfeitamente definidas, triumphantes e fortes, ainda na sua ruina de tantos seculos, como verdadeira obra de romanos.

E era este sem duvida o monumento que entre todos os de Portugal, José Cinatti mais admirava.

Fallei já da profunda estima que por José Cinatti tinham os operarios, os populares, e devo agora, para terminar o esboço da notavel physionomia d'este homem imminente, dizer até que ponto elle queria aos que trabalhavam rudemente, aos pobres, aos necessitados.

Muitas vezes, pensando nos ganhos espantosos d'um cantor, d'uma dançarina ou d'um celebre pintor em França ou na Italia, sustentava Cinatti que a arte era immoral emquanto alguém para comer e para matar a fome

¹ Predios com terraços da casa de Bragança na rua do Thezouro Velho, casas de Nunes Correia, Flamiano Anjos, ao Passelo, Besone, no Ferregial, e Paço d'Arcos, Pereira da Costa, cavalariças de Eugenio de Almeida, casa de Antonio Anjos, em Cintra, tumulos dos duques de Palmella, Eugenio de Almeida, conde das Antas, A. Pinto da Fonseca, Sequeira Lopes, A. Joaquim de Oliveira, etc.

² Não é para este momento o estudar completamente o caracter da obra de Rambois e Cinatti nos Jeronymos e Casa Pia em Belem.

Teriamos, entre outros elementos que concorreram para ella, a tomar em consideração os quatro torresões lateraes, feitos por um architecto inglez, e a que os artistas italianos tiveram que harmonicamente sujeitar os seus trabalhos posteriores.

à mulher e aos filhos, não ganhasse, nos rudes misteres da vida, o bastante.

E sustentava então que a arte, a arte perfeita, era apenas imitação material. E que o artista attingia a perfeição no dia em que conseguia copiar com a maior fidelidade a natureza.

José Cinatti possuindo as sympathias e em grande parte a indole dos grandes artistas de Renascença, tinha igualmente a cultura encyclopedica d'elles. Conhecia as litteraturas, as grandes obras d'arte, a historia, e acompanhava, com o seu espirito extraordinariamente comprehensivo, os progressos modernos das sciencias. Se tinha como os homens do seculo XVI por Deus a natureza, tinha como philosopho Voltaire; e o bom senso era para elle talvez a qualidade capital dos homens.

IV

O fim da vida de José Cinatti foi uma terrivel tragedia:

No meio da sua vida de trabalho incessante quando a imaginação ainda poderosa, e a razão sã e cheia de luz pareciam prometter-lhe dez annos mais de creações e de arte, uma noite veio uma congestão cerebral paralyzal-o.

Aphasico, pensando, imaginando, mas não podendo inteiramente revelar o que lhe ia no espirito, preso dentro de si mesmo, e ao mesmo tempo com inteira consciencia da sua situação, assim durou um anno.

Durante esse anno, e a pouca distancia da morte de José Cinatti, desabou a torre da Casa Pia, em Belem; e elle soube que estava aniquilada a sua obra querida de doze annos.

Poucos mezes depois morria-lhe uma filha, — a sr.^a D. Cleofe Cinatti Costa, — uma das que mais estimava, uma das que mais o acompanhavam intimamente, e uma das senhoras mais distinctas, mais formosas e mais respeitaveis que eu tenho conhecido.

E aquelle homem bom, aquelle homem cuja vida inteira fôra o cumprimento religioso dos deveres, aquelle homem que tinha por lei inquebrantavel dos seus actos responder ao mal com o bem, aquelle homem que dava generosamente aos necessitados uma grande parte do que ganhava, aquelle homem que ninguém afflicto procurava em vão, que os simples, os fracos, os pobres e as creanças instinctivamente adoravam, aquelle homem que tantos tinham enganado, roubado, e que a todos estimava na sua grande alma, aquelle homem que aos 70 annos de vida laboriosissima precisava ainda trabalhar para viver, aquelle homem, quando já a doença lhe não dava forças, embora o talento lhe desse ainda ideias, para recommençar, aquelle homem vio então cair desfeitas as obras que elle esperava com um orgulho legitimo deixar para o seu nome, e morrer uma das filhas que elle mais queria deixar viva e feliz!

V

Das outras obras do pintor, do scenographo, quem saberá d'ellas dentro em pouco!

Não ha ainda muitos annos que na Opera de Paris foi á scena o *Guilherme Tell*, de Rossini, com as scenas, já agora classicas, que o velho Ciceri tinha pintado. Essas scenas estavam conservadas em Versailles com o cuidado religioso com que os quadros dos grandes mestres se conservam nas galerias nacionaes.

Lembramos com este exemplo aos governos de Portugal, que conservem as scenas que ainda existem de Rambois e Cinatti, dos grandes pintores que viveram durante cerca de 50 annos para Portugal, dando-lhe a actividade e o extraordinario poder creador da sua mocidade, e sacrificando-lhe a sua fortuna, e os seus nomes que, se elles tivessem trabalhado em Paris, em Milão, em Vienna, em Londres ou em Madrid, seriam hoje sem duvida uma gloria europeia.

JAYME BATALHA REIS.



UM PROJECTO DE SCENA DE THEATRO POR JOSÉ CINATTI — Segundo uma aguarela do mesmo auctor.

AFRICA

DE LOANDA AO CASSAI

PELO

TENENTE OTTO SCHÜTT

1872-1879

II

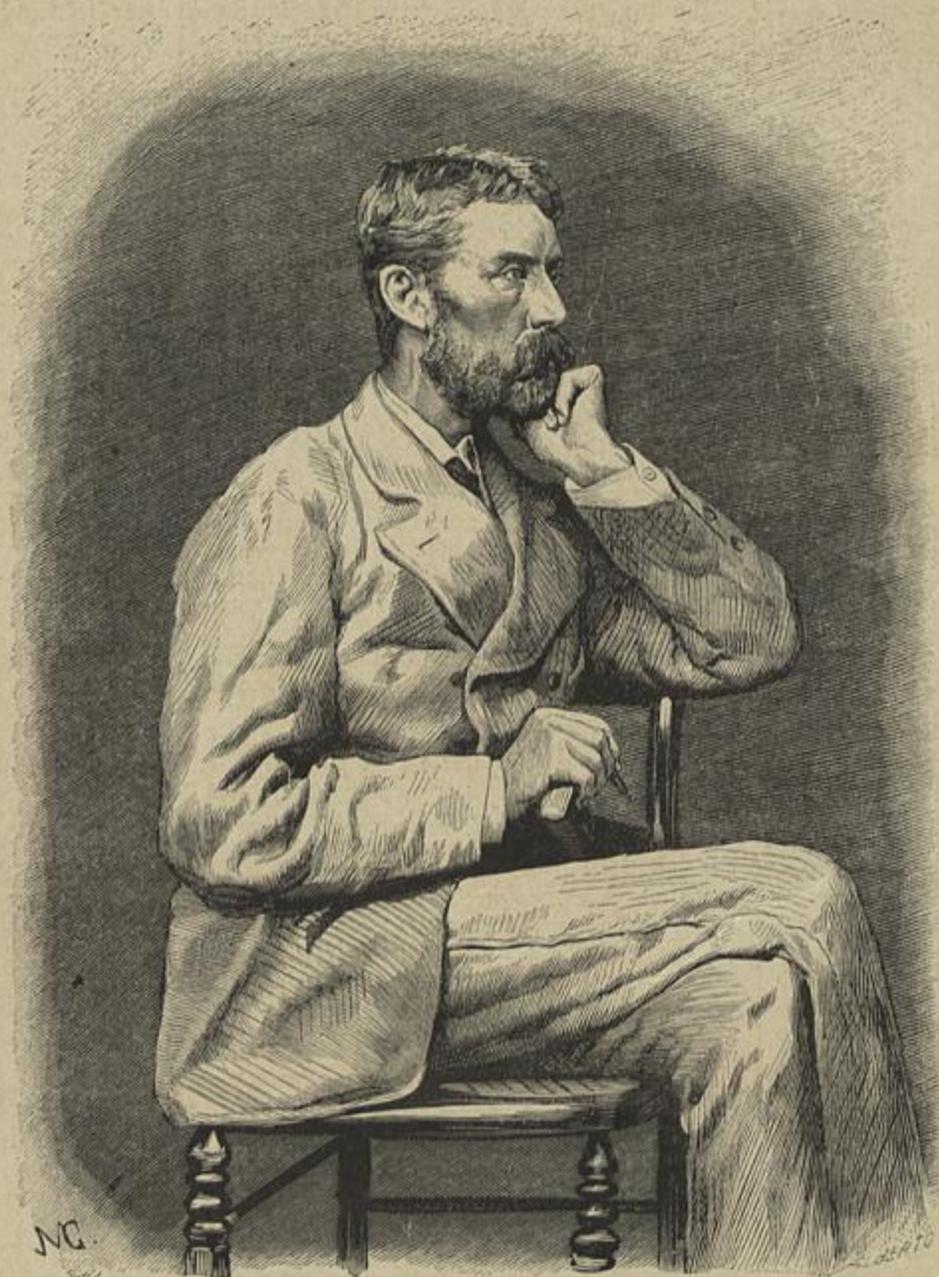
Foi por Lisboa que o sr. Otto Schütt entrou na Europa de volta d'uma viagem de exploração na Africa central.

Na noite de 12 do corrente (agosto), o sr. Schütt mostrou em sessão da Sociedade de Geographia de Lisboa, os mappas que formára com as observações da sua viagem, e contou-a resumidamente.

O explorador fez-nos depois a honra de esboçar do seu proprio punho uma carta aproximada do seu itinerario, e da direcção dos rios que atravessara, e de offercer á redacção do OCCIDENTE um retrato que tirára ao chegar a Loanda, ainda com a impressão estampada no rosto dos soffrimentos e das fadigas da difficil empresa.

D'essa carta damos hoje uma reprodução. É o OCCIDENTE o primeiro jornal do mundo em que apparece um tão importante documento.

Representa ella, como era de rasão, as opiniões do sr. Otto Schütt sobre as regiões de Africa que elle atravessou ou de que esteve proximo, como a carta anterior (vidé n.º 37) representa as opiniões do sr. Serpa Pinto sobre o territorio respectivo.



O TENENTE OTTO SCHÜTT, AO REGRESSAR DA SUA VIAGEM DE LOANDA AO CASSAI (Segundo uma photographia tirada em Loanda por Moraes)

O espaço conservado de proposito em branco n'esse mappa, está agora cheio, em parte pelo traçado positivamente determinado pelo viajante allemão, em parte por linhas suppostas por elle, segundo informações colhidas muito proximo dos logares até agora desconhecidos.

O retrato que apresentamos é a copia da photographia de Loanda.

O sr. Otto Schütt não era até ha pouco um explorador africano. Se se exceptuar uma excursão de mero recreio no Egypto, não mais longe que a grande pyramide de Cheops, a viagem a Loanda e ao interior pôde considerar-se como a sua primeira expedição em Africa.

Até então os seus trabalhos tinham tido por campo de acção a Turquia da Europa, e o norte da Persia, onde passou dez annos levantando cartas topographicas e fazendo estudos para o estabelecimento de caminhos de ferro.

Em 1866 e em 1870 fez o sr. Schütt, no exercito prussiano, as duas campanhas contra a Austria e a França, e foi condecorado, sobre o campo de batalha, com a cruz de ferro do imperio. Hoje é, na Allemanha, tenente de engenheiros.

III

A sua exploração na Africa foi feita por conta da Sociedade de Geographia de Berlim.

Ao chegar a Loanda, informando-se com os habi-



LAVADEIRAS NO MONDEGO, Quadro de Lupi professor da Academia de Bellas-Artes de Lisboa, premiado e vendido na Exposição Universal de Paris em 1873

(Segundo uma photographia)

tantes portuguezes, o sr. Schütt reconheceu que, dos dois desconhecidos cuja investigação se lhe apresetava — um, ao sul, por onde viajou Serpa Pinto, o outro, ao norte, por onde se internaram Brito Capello e Ivens, — este segundo era o mais vasto e o mais difficil. Ao sul do grande arco do Congo — Zaire — Lualaba, audaciosamente traçado por Stanley, os mappas teem apenas, quando muito, pontuações que indicam rios e lagos hypotheticos.

Em Loanda alguns negociantes portuguezes fallaram-lhe de atravessar a Africa pelo sul, procurando o Zambeze, mas todos lhe diziam que era impossivel fazel-o pelo norte, atravez dos afluentes da esquerda do Congo.

Otto Schütt acompanhado por um outro allemão, o sr. Paul Gierow, e por um bando numeroso de carregadores, começou a subir o rio Quanza n'um vapor. Depois afastou-se d'este rio e caminhou para o norte, até encontrar o rio Lui, ao qual elle indica uma direcção diversa da que os mappas lhe designam. Continuando chegou ao rio Cuango, e d'ahi retrocedendo e caminhando para o sul volta a encontrar esse rio e parte outra vez para o norte até entrar nas regiões de Lunda, onde governa o celebre chefe Muati-ianvo.

E ahi que o seu itinerario crusa e determina novos rios — o Cuilu, que Schütt considera como affluente directo do Zaire, o Luangue e Luele, formando o Rovua ou Lovua, e outros afluentes da margem esquerda do Cassai.

Passa depois dos territorios de Lunda para os de Luba e é ahi que encontra o grande rio Cassai que elle determina até quasi ao paralelo 6°. Quer ainda continuar para nordeste, chega a avistar o valle do rio Lulua, que o informam ser um grande affluente da margem direita do Cassai, mas os chefes negros obrigam-n'o a parar e em seguida, desanimado, a retroceder.

Volta então em geral, pelo norte, do primeiro caminho que seguira, determinando novos pontos desconhecidos, e vem fechar o seu grande poligono no rio Cuango, onde estivera mezes antes, com um erro de 3 minutos de grão.

Do rio Cassai traz o viajante noticias particularmente interessantes: O sr. Schütt reconheceu que elle se não chama *Cassabi* ou *Kassabi* em ponto algum do seu curso. O seu nome é Cassai, apenas no territorio de Lunda, porque assim que entra no de Luba chamam-lhe todos N'Zaire, e com este nome caminha para o norte. Para Schütt este rio, tão extenso como o Lualaba, é o verdadeiro Zaire e com este nome continua depois de receber o Lualaba, — que se chama assim até o encontrar, — conservando o nome de Zaire até ás montanhas que lemitam o plateau do continente a oeste, onde começam as cataractas determinadas por Stanley e onde começa a fallar-se no nome de Congo.

Do Guanza ao Luangue é abundante a caça e são numerosos os leões. Caminhando pelos carreiros trilhados, da largura de um pé, que se encontram abertos no matto e por onde os viajantes seguem em linha, encontra-se as cubatas abandonadas que umas caravanas deixam ás que vem descansar após ellas. Se essas cubatas são de palha, cobertas de capim, isoladas, sem nenhuma outra defesa exterior, pôde repousar-se tranquillamente n'ellas: não ha leões no paiz. Mas quando estão cercadas de fortes estacadas de madeira fechando completamente um recinto, é porque os leões vivem proximo, e o viajante deve, ao ouvir a sua voz selvagem e horrivel, acolher-se á estacada protectora.

Os elephantes encontrados pelo sr. Schütt na maior parte da sua viagem, teem as pontas muito pequenas e fornecem por isso pouco marfim. Fallavam-lhe os naturaes porém muito de Luquengo, perto do N'Zaire-Cassai, — ao norte do ponto onde a este vem juntar-se o Lulua, — como do grande paiz do marfim, onde o chefe tem, nas estacadas do seu Craal, grandes dentes de elephantes em vez de madeiros enterrados no chão para defesa.

Os povos que atravessou são, mais ou me-

nos, todos antropophagos. Não matam quasi nunca os homens que comem; mas em alguém adoeendo suppõem-n'o naturalmente condemnado á morte e ajudam quanto podem a natureza. Em muitas tribus só se comem os parentes. Quando um homem morre n'um logar, investiga-se de que familia é, e remette-se-lhe o cadaver que é em seguida comido. Ha logares porém onde se compram escravos negros novos, moleques, com intenção de os matar e de os comer assados.

Não ha povo algum n' Africa, segundo a opinião do sr. Otto Schütt que não saiba da existencia de homens brancos e que não tenha ouvido fallar delles.

Ha muitos povos porém que nunca os viram nem fallaram com quem os visse, e que por isso nunca tiveram o menor contacto com a civilisação.

Entretanto nenhum dos povos canibaes, que o explorador allemão visitou, professava abertamente a antropophagia. Todos a occultavam como um crime, como um vicio pelo menos reprehensivel, todos se envergonhavam d'este uso, de resto geral, todos a occultavam não só aos homens brancos que pela primeira vez os visitavam, mas mesmo entre si, uns aos outros.

Disposto a fazer uma exploração inteiramente pacifica, Otto Schütt levava apenas algumas espingardas para caçar. Assim, onde quer que encontrava resistencia, retrocedia serenamente.

Em muitos pontos os indigenas roubaram-n'o e quasi o deixaram sem recursos; n'outros os proprios carregadores o abandonaram.

O chefe de Lunda mandou que o tratassem sempre bem, deixou-o atravessar o seu territorio e chegar mesmo, já muito além d'elle, até ás margens do rio Cassai.

Schütt levava consigo então muitos homens que haviam sido feitos escravos n'outros tempos e que regressavam livres já para Muquengue.

Mas o chefe d'este povo e o filho do Muati-ianvo sahiram-lhe ao encontro e não o deixaram continuar a viagem.

Muquengue fica a caminho do grande lago Mucamba, que é provavelmente o que outros viajantes teem chamado Sankorra e que, segundo Schütt, deve ficar sob o 3.º paralelo sul.

Contavam, ao explorador allemão, gentes que já lá tinham estado, que existiam anões ou pigmeus nos territorios a leste do lago. Mas Schütt nunca pôde verificar, pelas historias e lendas que lhe contavam, se realmente esses anões formavam uma raça numerosa ou se eram apenas alguns monstros excepcionaes.

O lago Mucamba é muito vasto. E os naturaes tambem lhe chamam *Lufua N'Ginbo*, o que na lingua d'elles quer dizer *passaro morto*, porque, quando uma ave tenta atravessar-o a voo, cae sempre morta de cansaço, na agua, a metade da sua grande extensão.

O sr. Otto Schütt enviou para Allemanha uma collecção numerosa de aves e alguns coleopteros que conseguia conservar.

Um herbario que tinha colligido perdeu-se nos accidentes da viagem.

Uma parte do caminho foi feito montado em bois que ahi não encontram nunca o mortifero Tse-tse do valle do Zambeze e do sul d' Africa.

Soube o sr. Schütt durante a sua viagem das expedições e aventuras de Serpa Pinto e de Capello e Ivens.

Cousa notavel! Tudo que se passa no interior d'aquelle immenso continente o atravessa com rapidez em todos os sentidos. E' elle povoadissimo, viajam muito os seus habitantes e tudo contam uns aos outros.

Quando um negro chega a um craal, vindo de longe, tem de se sentar no meio do chão e de contar á população curiosa que o rodeia, as historias das terras que atravessou, os successos que lhe narraram, e o que lhe consta dos paizes mais distantes de que apenas teve noticias.

Quem escreve estas linhas ouviu fallar ao viajante allemão com muito elogio dos srs.

Brito Capello e Roberto Ivens. Mas Schütt não acredita que elles possam chegar á região desconhecida que teem diante de si e que se propunham estudar e considera mesmo que, vencidos pelo invencivel, terão de retrogradar como elle retrogradou.

ALBERTO DE CERVAES.

AS NOSSAS GRAVURAS

LAVADEIRAS NO MONDEGO

A nossa gravura reproduz um formoso quadro que figurou na exposição universal de Paris, devido ao amestrado pincel do distincto professor da Academia das Bellas Artes de Lisboa, o sr. Lupi.

N'este quadro os entendedores podem notar um tanto ou quanto de convenção, resentindo-se de ter sido talvez pintado no gabinete e não ao ar livre em face da propria paisagem que reproduz. O meio atrofiante em que até hoje tem vivido a nossa arte, e os acanhados recursos de que dispõem os nossos pintores não lhes permitem as *liberdades* que hoje os grandes mestres da arte reputam indispensaveis lá fora, copiando os seus quadros da propria natureza; entretanto n'este trabalho do sr. Lupi revelam-se notabilissimas qualidades, e mesmo o senão que apontamos e que da mesma forma podiamos apontar á maioria dos trabalhos dos nossos pintores, feitos até hoje, não denota falta d'aptidão e d'estudo provém, simplesmente d'um defeito da organização das nossas escolas.

Além d'este quadro o sr. Lupi possui outros extremamente notaveis, sobresaindo entre elles os seus retratos muitos dos quaes se podem considerar obras perfeitissimas no seu genero, e dignos de figurar ao lado dos trabalhos dos bons mestres.

O quadro as *Lavadeiras do Mondego*, foi adquirido em Paris mediante a somma de 4:000 francos pela commissão que promoveu a loteria d'objectos que figuraram na exposição. Pôde dizer-se que obteve um dos maiores preços por que modernamente tem sido pago um quadro dos nossos pintores.

Além d'isso o jury da exposição conferiu a este quadro, que mede 1^m,47 de largo por 1^m,8 d'alto, a medalha de bronze, o que n'um certamen de tal ordem não deixa de ser significativo.

A FONTE DA SAMARITANA

Esta fonte representada na nossa gravura e desenhada pelo malogrado artista Monteiro a que nos referimos em artigo especial, foi mandada edificar pela rainha D. Leonor mulher de D. João II, á qual igualmente se deve a fundação do hospital das Caldas da Rainha, Misericórdia de Lisboa e convento da Madre de Deus.

O seu primeiro assento foi á beira da estrada junto ao Tejo, encostada á igreja da Madre de Deus. Deu-se-lhe o nome de Samaritana por ter esculpida a figura da mulher da Samaria a quem, segundo a tradição religiosa, Jesus pediu de beber na occasião em que ella tirava agua do poço de Jacob na cidade de Sichar.

No anno de 1700, para evitar ao que parece a subtracção d'aguas que as freiras da Madre de Deus faziam continuamente, foi a fonte da Samaritana removida para o sitio em que hoje a vemos, proximo do antigo palacio dos marquezes de Niza, hoje azilo de *Maria Pia*.

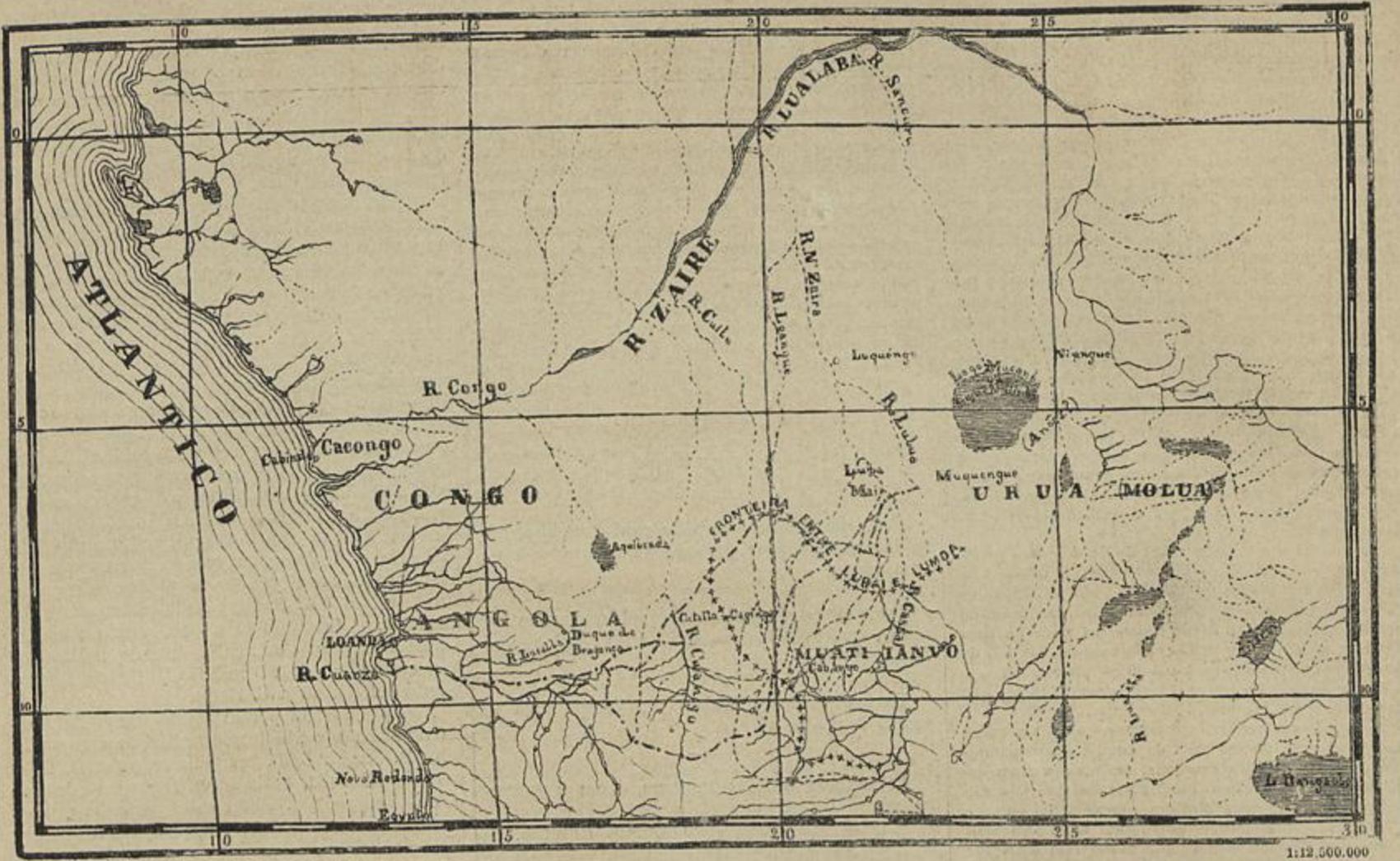
E' um pequeno monumento architectonico, perfeito no seu estylo e digno de ser conservado entre as reliquias historicas do nosso paiz.

JOÃO PEDRO MONTEIRO

(Continuado do n.º 39)

Existencia predestinada para a tristeza e para a dôr, e digna de melhor sorte, é admiravel a actividade que Monteiro desenvolvia nos seus trabalhos, e a força de vontade com que se applicava ao estudo, parecendo completamente aborvido pelo trabalho intellectual. «Abraçava as indicações que se lhe davam, quando vinham de pessoa da sua confiança, e seguia-as com grande tenacidade e constancia até ao sacrificio, chegando-se a esquecer do alimento e do necessario descanso. Passava noites em claro, e pôde dizer-se que não parava.» Diz isto o sr. Campos, na nota a que já nos referimos, e confirma-o a os olhos de todos o grande numero de obras que em tão curta e preoccupada vida sahiram das mãos d'aquelle no avel artista. Comquanto tivesse igual aptidão para a pintura e para a esculptura, foi á architectura que se dedicou espe-

MAPPA DAS VIAGENS DO TENENTE OTTO SCHÜTT NA AFRICA AUSTRAL, DE 1877 A 1879, SEGUNDO UM ESBOÇO FEITO PELO VIAJANTE EM LISBOA



----- Itinerario do tenente Schütt.
 Fronteira entre Lunda e Luba.

1:12.500.000
 Milhas marítimas (60 — 1°)

Acabadas estas vistas; saiu Affonso xi para Sevilha a reunir as suas tropas, e Affonso iv veio com a filha a Elvas, onde se demorou, dando as mais providencias necessarias, d'ali seguiu para Badajoz, onde foi recebido (e em todas as mais partes) como se fosse o proprio rei de Castella, pois este assim o ordenara a todas as auctoridades. O resultado d'estas vistas foi a famosa batalha do Salado, onde o rei de Portugal mostrou o seu valor, e pericia, a sua nobre isenção e desinteresse.

No reinado de seu filho D. Pedro I, houve uma reunião de embaixadores dos dois reinos junto á ribeira do Gaia, onde se assentaram pazes entre o rei de Portugal e D. Henrique de Castella, que havia pouco despojara do throno seu irmão e rei legitimo D. Pedro o cruel.

(Continúa.)

BRITO REBELLO.

BIBLIOGRAPHIA

OBSERVAÇÕES À CITANIA DO SR. DR. EMILIO HUBNER, por F. Martins Sarmento. — Todos 83-



FONTE DA SAMARITANA EM XABREGAS (Segundo um desenho do natural de João Pedro Monteiro)

lem o interesse que despertou entre os archeologos de toda a Europa, a descoberta das ruinas da Citania, junto a Guimarães, e outras em outros logares proximos. O conhecimento dos povos que habitaram o nosso solo, o grão de civilização a que chegaram antes de que a historia cite pela primeira vez o nome da Hespanha, e outros factos importantes para a historia do mundo, dão a estes descobrimentos, uma importancia archeologica inestimavel; e o sr. Martins Sarmento tem dedicado a este assumpto toda a sua actividade, a sua intelligencia, a sua fortuna, e o seu amor patrio, e por isso julgou conveniente, antes de apresentar os trabalhos que reúne para a publicação das estampas e elucidações relativas á Citania e outras ruinas, elucidar os pontos em que o illustre archeologo allemão foi inexacto por mal informado. Agradecemos este pequeno opusculo, que julgamos muito valioso.

AVISO

É unico correspondente d'esta empreza na cidade do Pará, o sr. Alberto E. de Campos Antunes.

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica.

Lallemant Frères, Typ. Libra
 6, Rua do Thezouro Velho, 6